**Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**
**Vol. 16 Nº 33, Jul - Dez de 2024**
**Universidade Federal do Rio Grande – FURG**

# *Matica*: espaços de sociabilidade de migrantes venezuelanos em Boa Vista, Roraima

## *Matica*: spaces for sociability of migrants venezuelans in Boa Vista, Roraima

Olendina de Carvalho Cavalcante[*]
Germano Lopes Ângelo[**]

**Resumo**: O presente artigo objetiva compreender a organização e a dinâmica de três espaços de sociabilidade de migrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista, estado de Roraima, e, ao mesmo tempo, tentar entender o significado da migração na perspectiva de quem a vivencia. Estes espaços, chamados de *maticas*, como deixaremos claro ao longo do artigo, são uma categoria nativa do migrante venezuelano em Boa Vista. As *maticas* têm como objetivo principal, a inserção de seus integrantes à sociedade boa-vistense, ao oportunizarem trabalho informal. Esse trabalho irá garantir a sua própria sobrevivência e a dos seus familiares que permanecem na Venezuela. Em termos metodológicos, faremos uma discussão da bibliografia pertinente ao tema da migração venezuelana; em seguida, apresentaremos a etnografia realizada em três *maticas*, enfatizando suas organizações e dinâmicas na recepção aos migrantes, e as narrativas de integrantes das *maticas* selecionadas ao longo da pesquisa de campo. Em campo, seguimos uma orientação de Geertz (1989) de fazer etnografia nos espaços e não dos espaços, com a intenção de responder as perguntas pertinentes ao trabalho.

**Palavras-Chave**: Migrantes venezuelanos; Boa Vista; *Matica*; Redes migratórias.

[*] Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas, mestrado pelo Center for Latin American Studies (master in arts), pela Universidade da Flórida e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima, UFRR. Possui interesse de pesquisa voltado a historia indígena, etnologia indígena, identidade e territorialidade, festas, gênero e educação indígena.

[**] Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), com habilitação em Sociologia. Licenciado em Sociologia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Antropólogo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Possui Pós-graduação em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES). Atualmente, é Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). e acadêmico do curso de Licenciatura em Filosofia pela União Brasileira de Faculdades (UniBF). Professor da Carreira de Magistério da Educação Básica do Estado de Roraima.

**Abstract:** This article aims to understand the organization and dynamics of three spaces of sociability for Venezuelan migrants in the city of Boa Vista, state of Roraima, and at the same time try to understand the meaning of migration from the perspective of those who experience it. These spaces, called maticas, as we will make clear throughout the article, are a category native to Venezuelan migrants in Boa Vista. The main objective of the maticas is to integrate their members into Boa Vista society by providing informal work. This work will guarantee their own survival and that of their family members who remain in Venezuela. In methodological terms, we will discuss the literature on Venezuelan migration; then we will present the ethnography carried out in three maticas, emphasizing their organizations and dynamics in welcoming migrants, and the narratives of members of the maticas selected during the field research. In the field, we followed Geertz's (1989) guidelines of doing ethnography in spaces and not of spaces, with the intention of answering the questions pertinent to the work.
**Keywords**: Venezuelan migrants; Boa Vista; Matica; Migration networks

## Introdução

O presente artigo objetiva compreender a organização e a dinâmica de três espaços de sociabilidade de migrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista, estado de Roraima; e, ao mesmo tempo, tentar entender o significado da migração na perspectiva de quem a vivencia. Estes espaços, chamados de *maticas*, como deixaremos claro ao longo do artigo, são uma categoria nativa do migrante venezuelano em Boa Vista. As *maticas* têm como objetivo principal, a inserção de seus integrantes à sociedade boa-vistense, ao oportunizarem trabalho informal. Esse trabalho irá garantir a sua própria sobrevivência e a dos seus familiares que permanecem na Venezuela. Em termos metodológicos, faremos uma discussão da bibliografia pertinente ao tema da migração venezuelana; em seguida, apresentaremos a etnografia realizada em três *maticas*, enfatizando sua organização e dinâmica na recepção aos migrantes, e as narrativas de integrantes das *maticas* selecionadas ao longo da pesquisa de campo. Em campo, seguimos uma orientação de Geertz (1989) de fazer etnografia nos espaços e não dos espaços, com a intenção de responder as perguntas pertinentes ao trabalho

Os migrantes venezuelanos chamam *matica* o espaço dado pela sombra de uma ou várias árvores, em ruas especificas, onde eles se ficam à espera de trabalho em formato de empreitada, diária ou meia diária, como detalharemos mais adiante. As *maticas* aqui estudadas se localizam no bairro Cidade Satélite, zona oeste de Boa Vista, e recebem nomes específicos, de acordo com sua localização no bairro.

As maticas *La Sede, Puesto el Índio* e *A Matica* foram as três selecionadas para a realização da etnografia em razão do quantitativo de migrantes que as ocupavam. Algumas *maticas* não são formadas à sombra de arvores, porém, são igualmente assim chamadas, em *razão* de sua organização e dinâmica. As *maticas*, como constatamos, fazem parte da rede migratória de muitos migrantes venezuelanos, em Boa Vista. Por migrantes, entendemos que são aqueles indivíduos que fazem parte de uma mobilidade populacional, em tempo e espaço específicos. Sayad (1998), identifica dois tipos de movimentos, *imigrar* e *emigrar*. Emigrar, assim como imigrar, atendem a uma ordem nacional solidária entre si. Neste sentido, para aqueles que ficam no território de origem o indivíduo ou indivíduos que saem são emigrantes, já a imigração seria a ausência dos que se vão, ou seja, a origem da emigração. Indivíduos que chegam a um país são chamados de imigrantes pelos nativos. Assim, usaremos o termo migrante para nos referirmos ao indivíduo que deixou seu pais de origem, mas mantem uma relação de continuidade com o mesmo, por meio dos seus familiares.

## Brasil país que acolhe milhares de migrantes venezuelanos? O caso de Boa Vista

O Brasil não vive, como, como no passado, um momento de déficit de trabalhadores, neste sentido, os migrantes venezuelanos não gozam de regalias, incentivos ou mesmo não existem programas e políticas públicas permanentes dedicados a regular de maneira rápida a situação de vulnerabilidade vivenciada por muitos migrantes.

No período de 2019 a 2021, quando fizemos a pesquisa para o mestrado, os migrantes chegavam ao Brasil, a partir da fronteira terrestre, pela cidade Pacaraima e

de lá se deslocavam diariamente até Boa Vista[1], em diferentes modalidades de deslocamento, seja a pé, de taxi ou de carona, onde irão sobreviver do trabalho informal. Sobre essa dinâmica de entrada no país, Durham (2004) nos informa que:

> O migrante supera as limitações de sua posição inicial à medida que constrói a sua carreira. No início, o migrante é inteiramente dependente das relações pessoais, baseadas em vínculos de parentesco ou amizade que o encaminham para a obtenção do emprego. Inicialmente, portanto, o imigrante não tem nenhuma "escolha" na procura de ocupação. Premido pela necessidade, limitado pela ignorância do mercado de trabalho, ele aceita qualquer emprego e depende, em grande parte, das indicações dos membros do grupo primário do qual faz parte. Mas a obtenção de um emprego e de um lugar para morar, alarga imediatamente o horizonte do migrante. (DURHAM, 2004. p. 194).

Ainda neste cenário, as redes de sociabilidade representam a forma como as pessoas integram um determinado espaço. É uma construção histórica e social que ajuda a entender as relações de poder que envolvem a sociedade e o espaço. Assim, a dinâmica das migrações ganha novos contornos, novos movimentos populacionais se redesenham em função das redes de sociabilidades (MASSEY, 1993).

As redes de sociabilidade, portanto, cumprem uma função chave quanto da chegada da maioria dos venezuelanos nas *maticas*, pois envolvem pessoas conhecidas, amigos e familiares, o que corrobora as informações de Truzzi (2008, p. 207) "[**...**] desse modo, no interior de redes pessoais, o emigrante (...), passou a ser visto como agente racional que persegue objetivos e mobiliza recursos, não apenas para escolher destinos, mas também para se inserir no mercado de trabalho na sociedade receptora".

Desta maneira, dificilmente alguém que não tenha algum conhecido que já trabalha ou trabalhou nas *maticas* procura esse espaço para buscar sobreviver, oferecendo seus serviços. Já aqueles que não estão inseridos nessas redes ficam à mercê nas ruas em busca de trabalho, são os chamados *caras y locos*. São assim chamados os migrantes venezuelanos que aceitam qualquer remuneração pela sua força de trabalho pois não gozam da proteção ofertada pelas redes de sociabilidade,

[1] Pudemos observar isto ao realizarmos um vídeo etnográfico na disciplina de antropologia visual, quando cursávamos a graduação em Antropologia. Disponível em> https://www.youtube.com/watch?v=_q_OeqDRh-Y
O vídeo etnográfico realizado em 2018, traz a história de Fredy um migrante venezuelano e sua chegada a cidade de Boa Vista. Foi este trabalho que deu origem a dissertação do mestrado em Antropologia Social (UFRR-2021) e ao doutorado em Antropologia Social (UFAM-2023, em andamento).

são aqueles que andam nas ruas com a enxada nos ombros, em busca de trabalho diário. Estes, porém, não foram alvo do nosso estudo.

Uma migração em busca da sobrevivência fez com que mais de 50 mil venezuelanos se estabelecessem em Boa Vista, a maior cidade a partir da fronteira com Venezuela. Constatamos essa situação em diversas narrativas no contexto das *maticas*, feitas por seus líderes e por integrantes e mais antigos, como podemos ver.

Júlio da *matica, (comerciante varejista)*;

> Eu venho da Venezuela, do estado do Sucre. Vim ao Brasil para ajudar a minha família, tenho 10 irmãos. Deixei tudo para trás e vim para essa nação melhor, para dar uma vida para minha esposa e meus dois filhos que estão na escola, e eu não tinha como ajuda-los, eles estavam passando muita fome na Venezuela. Eu tive que fechar as lojas que tinha, porque não funcionava mais normalmente, não chegava clientes e se não chegavam eu não tinha como viver, por isso, saí do meu país, minha família já estava passando muitas necessidades, muito antes da gente vir para cá.

Luís *de la Sede*, (trabalhador informal)

> Eu sou o Luís, na Venezuela eu era trabalhador informal. Mais tarde, entrei para uma empresa hidrelétrica, chamada Manuel Piar. Trabalhei 5 anos. Me retiraram da empresa, aí ficou ruim, depois que saí o salário que ganhava trabalhando por conta própria não era suficiente para sustentar nossa casa. Tive que encontrar uma maneira de migrar para outro país, para melhorar para mim e para minha família. A situação do país, a economia, trabalhava, mas não tinha condições de levar alimentos pra casa, pra minha família. O que me levou a migrar foi a situação do país. Eu vim para Boa Vista para trabalhar, e trazer minha família para ter uma vida melhor, eles estavam praticamente passando fome lá

Nelson *del Puesto el índio*, (pintor)

> Vim do estado de Bolívar, eu sou do estado de Bolívar. O governo começou com todos os problemas, não tinha trabalho, eu não tinha nada a fazer, porque não existia quase nada. E, eu perdi tudo lá com a crise do país e ainda deixei o pouco que me restava, pois nós tivemos que sair do nosso país para tentar sobreviver, nossas famílias que ficaram na Venezuela estão morrendo, algumas de fome, outras de trabalho escravo, a vida é muito dura, não é fácil esta vida.

A particularidade da migração venezuelana também decorre da forma como se deu, me forma intensa, o que dificultou a recepção feita pelos países que o recebiam (OLIVEIRA, 2019), nesse caso, os países sul americanos. Ainda de acordo com essa

autora, os migrantes que optavam por ficar na cidade a qual se deslocaram eram aqueles que:

> (...) estavam entre os menos escolarizados e as razões para permanência se dividia entre ficar próximo à fronteira e o argumento que já estavam integrados à sociedade local. Esses dados sugerem que quanto mais vulnerável, maior o receio de se distanciar do país de origem. Muito provavelmente, a alegada integração pode estar associada ao trabalho no mercado informal, que, apesar de remunerar mal, garantia algum recurso de sobrevivência e, até mesmo, auxiliar quem permaneceu na Venezuela, por intermédio do envio de remessas ou bens de primeira necessidade (OLIVEIRA, 2019 p. 229).

A situação descrita pela autora, corrobora a ideai do migrante como alguém que vive e, ao mesmo tempo, tenta se convencer que sua situação *'e* apenas provisória ou temporária em razão da hostilidade que enfrentam (SAYAD,1998).

Outra situação apontada em relação ao migrante venezuelano que busca por trabalho remunerado em Boa vista se refere ao tipo de atividade que lhes cabe exercer.

> [**...**] que a população local não "deseja" fazer. Dependendo do contexto específico em que ocorre o fenômeno migratório, o migrante é estigmatizado como diferente dos moradores do lugar por apresentar costumes diferentes e, consequentemente, causa estranhamento na população local. Esse tipo de situação evidencia, por exemplo, uma das maiores dificuldades encontradas em se adaptar ao local de destino, que é exercer outra profissão diferente da que exercia no lugar de origem como estratégia de sobrevivência, o que desperta estranhamento no próprio migrante e nas pessoas com quem ele interage (RUFINO, 2018, p. 119).

Por outro lado, o trabalhador migrante também é visto como alguém que pode interferir no mercado local como alguém que toma a vaga dos residentes boa-vistense ao ofertar seus serviços a preços abaixo do mercado. Na sua condição de sobrevivência, não lhe cabe escolhas, apenas se submete ao trabalho ofertado, gerando assim, conflito entre boa-vistenses /migrantes e entre os que ficam nas *maticas* e os *cara y locos*.

Isso resulta num tipo de estigma que o migrante passa a enfrentar, pois se torna uma presença incomoda na sociedade receptora. Em Boa Vista, passa a ser o bode expiatório para os problemas que a cidade enfrenta há anos, como aqueles relativos à saúde, segurança e educação. Carlos Junior salienta que:

> (...) a insuficiência de recursos para atendimento adequado de saúde, somado ao ressurgimento de doenças infectocontagiosas que haviam sido erradicadas do Brasil, tem sido foco de constante preocupação por parte de

> autoridades nacionais e estrangeiras. Além disso, o aumento do déficit habitacional em Roraima, o esgotamento da capacidade do sistema de ensino em absorver as crianças venezuelanas, a saturação do mercado de trabalho local aliado ao aumento do trabalho escravo, corroboram para o agravamento dos desequilíbrios sociais, criando uma população venezuelana marginalizada dentro do território nacional. Tais fatos tem acarretado uma aversão natural ao venezuelano, podendo evoluir para uma xenofobia em massa. (JÚNIOR, 2018. p. 69)

Por outro lado, como já foi documentado, a migração venezuelana impulsionou a economia roraimense, segundo o estudo publicado pela, FGV-DAPP, OBMIGRA E UFRR (2020), entre 2016 e 2017, o produto bruto interno do estado foi 2,3% diante do 1,4% que era a média dos estados brasileiros. A economia roraimense experimentou uma diversificação na ordem dos 8% comparando aos outros Estados da federação brasileira.

Ainda, entre 2017 e 2018, o Estado de Roraima registrou o com maior aumento de área plantada, o comércio varejista também experimentou um crescimento entre os anos de 2018 e 2019, aumentando a arrecadação do ICMS no mesmo período, isto seria "[..] um indício de que o consumo de bens e serviços cresceu de forma diferenciada em comparação com os outros Estados, dado que não foram detectadas mudanças significativas de alíquota nesse período. " (FGV-DAPP, OBMIGRA E UFRR, 2020. p. 15).

Em razão da intensificação da migração, o governo federal criou um programa especifico para lidar com o grande contingente de venezuelanos que entrava no pais, via estado de Roraima, chamado Operação Acolhida. Esse programa é coordenado pelo governo federal em conjunto com várias entidades da sociedade civil organizada. A proposta do programa foca basicamente em três eixos principais, como podemos ver:

> Desde o início da crise migratória, até janeiro de 2020, estima-se que mais de 264 mil migrantes e refugiados venezuelanos entraram e permaneceram no Brasil. A Operação Acolhida está organizada em três eixos:
> 1) ordenamento da fronteira – documentação, vacinação e operação de controle do Exército Brasileiro;
> 2) acolhimento – oferta de abrigo, alimentação e atenção à saúde;
> 3) interiorização – deslocamento voluntário de migrantes e refugiados venezuelanos de RR para outras Unidades da Federação, com objetivo de inclusão socioeconômica.
> Em 2019, a Operação Acolhida teve continuidade, organizando a chegada, garantindo atenção à saúde e fortalecendo a interiorização de milhares de migrantes e refugiados venezuelanos que chegavam pela fronteira.

> Ao entrar no País, o migrante e refugiado venezuelano dirige-se ao Posto de Recepção e Identificação (PRI). Enquanto aguarda atendimento, recebe água, lanche e pode utilizar banheiros. O posto controla e organiza (...), realizando a expedição de documentos e oferecendo auxílio médico aos migrantes e refugiados venezuelanos em sua chegada. Em seguida, são encaminhados para um dos 13 abrigos e para o processo de interiorização. (GOV.BR. Acolhida, 2020)

De acordo com o site do governo federal que abriga a plataforma da Operação Acolhida, até o ano de 2021, foram atendidos mais de 890 mil migrantes dos quais mais de 265 mil solicitaram regularização migratória, cerca de 130 mil solicitaram residência e mais de 250 mil CPFs foram emitidos, entre outros serviços. Os abrigos temporários em 2021 somam 13 ao todo, sendo dois na cidade de Pacaraima e 11 em Boa Vista.

Em relação ao de interiorização, o site informa que o governo federal e parceiros (Agências das Nações Unidas e organizações da sociedade civil) oferecem inserção social e econômica aos migrantes com o objetivo de aliviar a carga dos serviços públicos no estado de Roraima. Ao total já foram interiorizadas mais de 30 mil pessoas para mais de quatrocentas cidades no interior do Brasil, até 2020. Assim, o processo de interiorização é realizado apenas com:

> (...) os migrantes e refugiados venezuelanos regularizados no Brasil, imunizados, avaliados clinicamente e com termo de voluntariedade assinado podem participar das ações. Existem diferentes modalidades, que incluem: saída de abrigos em RR para abrigos em uma das cidades de destino; reunificação familiar; reunião social; e com vaga de trabalho sinalizada. Os abrigos nas cidades-destino podem ser estaduais, municipais, da sociedade civil ou federais mistos, com moradia fornecida por entidade da sociedade civil ou organização religiosa. (GOV.BR. Acolhida, 2020)

Para driblar a exclusão a qual muitos dos migrantes que ouvimos nas *maticas*, utilizam a suas redes pessoais criadas nestes espaços, para poderem usar a "vaga de trabalho sinalizada", como critério para serem interiorizados.

## *Maticas*: em busca da sobrevivência e inserção na sociedade local e nacional

As *maticas* fazem parte das inúmeras redes migratórias que existem em Boa Vista. Observamos isso, ao fazermos as etnografias nestes espaços. Localizados no perímetro urbano do bairro Cidade Satélite, situado na zona oeste de Boa Vista, a saber, a *Matica*, *Matica La Sede* e *Matica Puesto el Índio*, foram escolhidas seguindo o critério de maior agrupação e de tempo existência no período da pesquisa.

Durante a pesquisa de campo percebemos que esses espaços são uma espécie de escritório a céu aberto onde os migrantes ofertam a sua força de trabalho, a partir do processo de auto agenciamento dos integrantes de cada espaço. Tais espaços têm em comum a busca pela sobrevivência e a resistência diante da vulnerabilidade a qual estão expostos enquanto força de trabalho desvalorizada, em comparação aos boa-vistenses.

As *maticas* configuram-se, num primeiro momento, em migração por sobrevivência e, por meio das redes sociais aí constituídas, vão se auto agenciar ao ponto de agilizar o processo de interiorização por meio do Projeto Acolher.

O sol em Boa Vista é excruciante. Os migrantes venezuelanos buscam as sombras, não só das árvores, mas também de estruturas que possam propiciar alguma trégua ao calor, registramos isso, ao percorrer as ruas da cidade. Ao fazermos isso, percebemos a aglomeração de migrantes em diversos pontos da cidade com cartazes, ofertando serviços.

Por meio da etnografia e do levantamento bibliográfico prévio, buscamos compreender a organização e dinâmica nas *maticas*. Em termos metodológicos, coletamos dados por meio das narrativas dos migrantes e selecionamos um migrante de cada espaço para ouvir a sua experiência neste processo migratório, além de fazermos uso do diário de campo e da observação participante.

A observação participante foi utilizada de modo a teorizar, por meio da etnografia nos três espaços, pois "[**...**] observando e compreendendo aquilo que está acontecendo, por participar na vida cotidiana das pessoas (...) e principalmente nos lugares de trabalho". (Brandão, 2007, p. 4).

O registro das narrativas orais foi feito no aparelho celular e a trajetória de três migrantes que se movimentaram entre a Venezuela e a rede migratória *matica*. Para o registro das narrativas selecionamos os membros mais antigos de cada *matica*, além de ouvir outros que atuam nesses espaços.

Neste sentido, concordamos com Teresa Haguette (1987) para quem o registro de "história de vida" de migrantes "**[...]** requer uma compreensão íntima da vida de outros, o que permite que os temas abordados sejam estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, seu mundo e os constrangimentos e, as pressões aos quais estão sujeitos". (HAGUETE, 1987, p. 82).

Enfim, as memórias são construções sociais orientadas pelo desejo do interlocutor, e a maneira dessa informação tornar-se um fato é observar em campo o seu interlocutor, ou seja, acompanhá-lo no seu cotidiano. Sendo assim, fato e memória, "[...] tornam-se simultaneamente enquanto discurso e narrativa. " (KOFES, 2015. p. 21).

Mas, a busca pela compreensão da cultura dos nossos interlocutores vai além de interpretar a sua narrativa em primeira mão, porque isso apenas pertence ao nativo segundo Geertz (1989). Os espaços os quais realizamos a etnografia, segundo Clifford Geertz (1989), foi buscar se situar entre os nossos interlocutores, sem termos a pretensão de nos tornarmos um deles, mas fazer uma descrição densa a partir da compreensão das ações sociais no sentido weberiano por meio da interpretação da cultura praticada nesses espaços.

E cultura para nós seria o que é para Geertz (1989), uma teia de significados que o próprio homem teceu, este homem seria um animal amarrado a essas teias. Ainda em busca de compreender o significado que os nossos interlocutores atribuem a suas ações, parafraseando Geertz (1989), voltamos a campo dois anos após a nossa primeira visita, assim realizamos o processo de reinserção no campo, numa interação direta, que chamaremos neste estudo de *interna*, e ao acompanhamento que fizemos ao longo de dois anos, de *externa*.

Para nos reinserirmos em campo encomendamos a confecção de camisas para nos identificarmos como pesquisadores e a Instituição a qual representávamos. As despesas com a pesquisa foram cobertas pela bolsa de estudo que recebemos pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) durante o mestrado.

Assim, iniciamos oferecendo lanches durante uma semana nos três espaços no período da manhã. Os dois primeiros dias fomos breves nas nossas visitas para que os nossos interlocutores não se sentissem desconfortáveis, a ideia em um primeiro momento foi a de não se estender além do necessário, mas entrada lenta, a fim de adquirir a confiança dos interlocutores.

No quarto dia conseguimos alcançar a confiança junto aos nossos interlocutores. Assim, demos início a etnografia em cada espaço, embora esta tenha

sido realizada desde o primeiro momento em que nos reinserimos no modo de interação direta com os nossos interlocutores.

Os três interlocutores que narraram suas trajetórias até a *matica*, foram escolhidos por serem os membros mais antigos de cada espaço, os identificamos ao longo das nossas visitas. Assim, registramos as narrativas dos senhores Júlio, Luís e Nelson.

Como ferramenta de apoio para a construção deste estudo usamos e abusamos do diário de campo durante a realização da pesquisa como um todo, pois o diário de campo, "**[...]** permite o registro do detalhamento das informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação ou no momento observado. Trata-se do detalhamento descritivo e pessoal sobre os interlocutores, grupos e ambientes estudados. (CORRÊA, 2000, p. 21).

Ainda neste contexto, Corrêa (2000), vai frisar a importância do diário de campo, pois este permite registrar o que ouvimos, o que sentimos em campo, os gestos corporais, os cheiros, sabores, entre outros. Enfim, o diário de campo permite registrar elementos que não podem ser captadas pelo gravador durante, antes e depois da entrevista e, muito mesmo pela memória, pois, "A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado", afirma Pollak (1992, p.4).

Desta maneira, e por meio das ferramentas citadas, buscamos compreender a forma de organização e dinâmica dos trabalhadores que ficam à espera de trabalho nos três espaços do bairro Cidade Satélite. A partir da etnografia a ser realizada nos três espaços, como também da narrativa das trajetórias dos nossos três interlocutores.

Após os procedimentos de delimitação dos espaços da pesquisa, no dia 12 de outubro de 2020, dia de nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, iniciamos a interação com os nossos interlocutores nos espaços escolhidos.

Inicialmente o espaço que visitarmos foi a primeira *matica* fundada no bairro, no mesmo dia fomos a matica *Puesto el Índio e La sede*. "Reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações. " (MASSEY, 2008. p.29).

Ainda neste contexto, D. Massey (2008) afirma que,

> "[...] o espaço seria o encontro de múltiplas trajetórias e estaria em constante construção, precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto das relações entre relações que estão necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre em processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. (MASSEY, 2008. p.29)

Tal como consta no nosso diário de campo com data de 12 de outubro de 2020, acordamos, às 6h, para iniciarmos os preparativos[2] e só chegamos a campo pouco mais das 7h beirando, às 8h00, devidamente protegidos[3]. Assim, como tivemos o maior cuidado com as nossas vestes, apenas o pesquisador carregava na camisa o nome do projeto na frente e nas costas o nome da instituição a qual pertencia.

Munidos com diário de campo[4] e o aparelho de celular para fazermos os devidos registros, conseguimos ganhar a confiança mútua, iniciamos a inserção no campo na fase de interação direta. Cabe frisar a importância do diário de campo no apoio da coleta de dados e na busca pela interpretação da cultura dos nossos interlocutores, como diria Clifford Geertz (1989), para isso buscamos compreender a organização e a dinâmica dos migrantes nas maticas, e nestes espaços observamos como elas funcionam como redes migratórias.

No campo, fazemos jus a observação participante que significa estar "**[...]** pessoalmente no lugar observando e compreendendo aquilo que está acontecendo (...) na vida cotidiana das pessoas (...) principalmente nos lugares de trabalho". (Brandão, 2007, p. 4). Passamos a manter contato com os nossos interlocutores diariamente nos três primeiros dias por tempos reduzidos com o local e com os interlocutores tal como diria Brandão (2007);

> [...] procuro não entrar diretamente numa relação de pesquisa. Não só não invadir o mundo das pessoas com uma atitude imediata de pesquisa (...) eu acho que é muito enriquecedor viver um tempo, que, dependendo do tempo global que você tenha, pode ser um dia, dois, uma semana, até quinze dias, quem sabe até um mês de puro contato pessoal, se possível, até de uma afetiva intimidade com os bares, as ruas, as casas, as pessoas, os bichos, os rios (...) por diante. Conviver, espreitar dentro daquele contexto o que eu chamaria o primeiro nível do sentir, sentir como é que o lugar é, como é que as pessoas são, como é que eu me deixo envolver. Isso é muito bom, porque faz com que a gente entre pela porta da frente e entre devagar. E, por outro

[2] O lanche consistia em suco de caju e pão com margarina e mortadela, após o terceiro dia optamos por refrigerantes e café ao invés do suco que demandava muito tempo para seu preparo. As garrafas térmicas que eram usadas para levar o suco foram doadas a cada espaço no quarto dia. Tivemos que comprar garrafas novas para levar café.
[3] Usamos máscaras devido a pandemia do coronavírus (COVID-19) (pesquisador e assistente).
[4] Nos primeiros dias escrevíamos ao retornar do campo, a partir do quarto dia alternávamos entre o campo e a nossa sala de estudos.

> lado, é bom também porque essa lenta entrada, eu diria essa mineira entrada, não tem aquela característica de um trabalho invasor em que as pessoas se sentem de repente visitadas por um sujeito que mal chegou ao lugar, saltou do carro e começou a aplicar um questionário. ” (BRANDÃO, 2007, p. 13-14)

No quarto dia, ao descermos do carro grande foi a nossa surpresa, pois a recepção foi diferente, nos ajudaram a organizar as coisas do lanche, nos perguntavam mais coisas sobre a pesquisa, queriam saber o que a Antropologia estudava.

Fazer etnografia é buscar estimular o teu interlocutor para que este possa dar informações à pesquisa. Isto é um exercício de aproximação entre pessoas. Esse trabalho de campo é um encontro entre pessoas, pois durante a pesquisa é necessário compartilhar o tempo, junto aos interlocutores.

Sobre etnografia João Pacheco de Oliveira diz;

> Ao falar em situação etnográfica, estou propondo recuperar o etnógrafo enquanto um efetivo ator social, localizando-o dentro de uma rede de relações de força e de sentido, em que o campo do observado e do registrado irá depender de opções realizadas em múltiplas escalas e contextos, operando em reação às expectativas e iniciativas dos indígenas e dos demais atores igualmente presentes no processo de realização de uma etnografia (OLIVEIRA, 2022. p. 230).

Para acontecer um encontro com o outro é necessário atingir a confiança mútua entre pesquisador e interlocutor, do contrário, “Toca-se apenas o verniz e toca-se num verniz em que as pessoas se defendem até quando podem da invasão de que se sentem vítimas. ” (BRANDÃO, 2007, p. 13-14).

Em uma das visitas a *matica la* Sede, um grupo de migrantes retornava ao espaço após ter ido ver um serviço perto dali, mas não ficaram para realizar o serviço porque lhes ofereceram uma diária de R$50,00 sem almoço e, ainda teriam que “*bater pulmón*”, significa fazer manualmente o serviço de que uma máquina de fazer concreto faria (betoneira), eles foram ver o serviço pensando que seria por empreita e assim, poderiam realizar em meio dia, mas ao chegaram na obra viram que tratava do modo diária e era serviço para uma semana, sendo assim, solicitaram a diária de R$70,00, já que não receberiam almoço, ao terem um não como resposta voltaram à *sede* para aguardar novamente a vez de saírem.

Os migrantes que trabalham nestes espaços moram em bairros próximos ou no mesmo bairro, como também muitos deles compartilham o aluguel de casa ou apartamento para poderem economizar, e assim, ajudar os familiares na Venezuela.

E meio ao tempo que passamos nestes espaços ouvimos diversos relatos, bem como discursos das relações políticas praticadas pelos boa-vistenses, devido a representação social estigmatizada criado nos meios de comunicação da cidade. Neste sentido, Goffman (1975), fala de uma identidade deteriorada.

Os migrantes afirmavam terem criado uma demanda como nunca antes visto na cidade no que diz respeito ao setor imobiliário, pois os imóveis que outrora estavam sem clientes para alugar, agora estão lotados, muitos donos de estâncias tiveram que ampliá-las para atender a procura, com isso também gerou empregos para muitos migrantes.

Entre a fala dos migrantes ouvimos algumas como estas: “existem pessoas que pensam que o venezuelano não soma nada aqui, preciso instante alguém disse isso”; “vi em uma publicação no Facebook, que um candidato[5] à prefeitura afirmava que eleito, venezuelano não teria privilégios aqui”; “só queremos trabalhar, para ajudar os nossos familiares”.

Podemos identificar como os migrantes deste espaço por meio de suas narrativas colocam os seus pensamentos sobre a posição de vulnerabilidade na qual se encontram e, que os contratantes sempre buscam tirar vantagem desta situação, parecido com o que tínhamos ouvido do Júlio também na *Matica,* que para não ser pago lhe foi mostrado uma arma de fogo. Tal como Kofes (2015), linhas acima nos disse que as memórias são distorcidas pelos desejos e pensamentos do momento. Assim, apresentaremos ao longo deste estudo as diversas narrativas dos nossos interlocutores, que em todo momento reivindicam respeito e empatia para com a sua situação de migrante estigmatizado, vulnerável social e economicamente na sociedade receptora, neste caso Boa Vista.

Em campo, ao fazermos etnografia conhecemos o senhor Nelson chamado *el Índio*, afirmava ter fundado os três espaços onde fizemos a pesquisa. Informou que

[5] Sobre a postagem do candidato a prefeito de Boa Vista, deputado federal Antônio Nicoletti (PSL), nesta terça-feira (13), que utilizou sua rede social para publicar um banner com a frase “Na minha gestão municipal, venezuelano não terá privilégio”, a Embaixada da Venezuela no Brasil, por meio da embaixadora Maria Teresa Belandria Expósito, enviou um comunicado se manifestando sobre a atitude do candidato. (FOLHA DE BOA

morava em Boa Vista há 4 anos. Dentre as particularidades observamos Júlio, Luís e Nelson, eles foram os que nos recepcionaram no nosso primeiro encontro nas *maticas*, eram os que sempre falavam conosco. Eles são os membros mais antigos de cada espaço e eram sempre procurados pelos demais migrantes para serem consultados sobre serviços, como também outros assuntos que estavam relacionados a manutenção da coesão dos espaços.

Diante de tudo o que até aqui foi exposto e no decorrer desse estudo, concordamos com A. Rufino (2018), quando afirma que as narrativas e o que observamos em campo, revelam que há um distanciamento entre a sociedade receptora e os migrantes, "[...] o que contribui para o entendimento de que os venezuelanos estão sendo acolhidos em Roraima, mas ainda não conseguiram se integrar à sociedade roraimense". (RUFINO, 2018. P, 168)

Ainda neste contexto A. Rufino (2018), vai afirmar que as:

> Narrativas são marcadas por uma tendência da estigmatizarão social, já que a sociedade já estabelecida em Roraima demonstra um desapreço pelos venezuelanos, estimulado, sobretudo, pela estereotipização efetivada nas distâncias das relações sociais, demonstradas nos trechos de falas de sujeitos sociais que fazem parte da sociedade roraimense: (RUFINO, 2018.p. 169)

Assim, como Rufino (2018) identificamos que nas narrativas dos migrantes os boa-vistenses retratam os venezuelanos como, "[...] invasores" que estão acarretando sérios problemas para Roraima. " (RUFINO, p. 168-169)

## Organização e dinâmica das *maticas*

*La sede*

O escritório de emprego a céu aberto ou *matic*a *la Sede,* funciona de domingo a domingo, a saída para o trabalho nesse espaço obedece a ordem de chegada, a não ser que aquele que esteja na vez não esteja habilitado para exercer a função que seja solicitado ou se o cliente vier escolher a dedo.

No entanto, assim, como em outros espaços existem exceções à regra, certo dia um dos migrantes caminhava de uma ponta a outra do espaço, olhava pra cima, segurava o seu aparelho de celular junto ao rosto, parecia que falava com alguém, parecia ansioso, preocupado e com um olhar vazio caminhou direto a mesa e começou a lanchar, enquanto lanchava um outro chegou e nos disse que estava com o

pai muito doente e procurava juntar dinheiro para sua passagem, como também para comprar remédios[6], ele havia trabalhar no dia anterior e não recebera a diária, apenas deram almoço, ainda mandaram passar na segunda para receber os R$ 30, 00 reais, que seria o pagamento. Logo, os que estavam no espaço fizeram uma roda e debatiam sobre a clareza e especificação no momento de ir para um serviço, que não podem começar um serviço sem ter certeza de que vão receber.

O período de funcionamento na Sede se passa entre rodas de conversas em que há sorrisos e lamentos, além de trabalho as conversas também giram em torno do processo de interiorização e auto agenciamento sobre as diárias, clientes e tipos de serviços.

Testemunhamos por exemplo, a chegada de um cliente que teve uma negativa como resposta dos migrantes deste espaço, pois era velho conhecido como mal pagador. Um dos migrantes que tentava reconhece-lo, e ao consultar o Luís, no mesmo instante todos começaram a observá-lo, até que um deles falou, "é o cara do gesso", os outros confirmam "é ele mesmo! " Deram um grito falando algo que não consegui entender, e sem mais palavras o migrante que estava negociando deu as costas e voltou para seu banco improvisado. Então, perguntamos ao Luís o que havia acontecido e ele disse, "esse aí não paga, é abusivo". Alguém completou dizendo, "é *pichirre.* "

Também vimos integrantes de outras maticas visitarem conhecidos na Sede, e assim, na *Matica* e *Puesto el Índio*, estes espaços trocavam informações sobre o movimento, preço das diárias, questões familiares, entre outros.

Para estes migrantes, a migração por sobrevivência está preste a ser superada, por meio do emprego desejado em Boa Vista, ou pelo processo de interiorização realizado a partir das amizades feitas em estes espaços. Estas amizades são as redes pessoais que vão possibilitar uma rede migratória como processo de interiorização, que funciona da seguinte maneira, alguém que esteja lá -interior do Brasil- assim te solicita, ele se responsabiliza por você junto a empresa que manda te buscar. Todos os que ouvimos têm como destino Curitiba, menos Luís que pretende se estabelecer em Boa Vista.

[6] Ao perguntarmos se não há mais escassez na Venezuela, ele nos disse que a falta de alimento e medicamento não faz mais parte da realidade venezuelana, que o problema na atualidade era ter dinheiro para poder comprar, porque tudo custa em dólar, finaliza.

Ao longo dos dias neste espaço, compreendemos que os migrantes da *Sede*, atendem ao tipo de ação social racional com relações afins no sentido weberiano, cada um deles têm seu próprio objetivo, mas estão ligados pela busca da sobrevivência e de se inserir na sociedade boa-vistense, bem como também na nacional por meio do trabalho. As relações aí desenvolvidas vão implicar no seu cotidiano e no seu futuro, pois lá é que se inicia a nova fase migratória para estes sobreviventes.

### *Puesto el índio*

*Puesto el Índio*, não possui cartazes, nem bancos improvisados, apenas tijolos ou pedaços de rochas que servem como bancos. Esta *matica* tem como liderança, o senhor Nelson, bastante comunicativo por sinal. Em um dos dias que estivemos no espaço nos narrou a experiência de quase morte, quando contratado para trabalhar no interior construindo uma casa, além dele, sua esposa também foi contratada pelo coronel. Assim, ele chama a pessoa que o contratou e o levou para o interior, onde iria ganhar quase R$2.000,00 e a sua esposa quase R$1.000,00. No entanto, não receberam nenhum real e ainda tiveram que sair as carreiras de madrugada, depois que a esposa ouviu a conversa dos vaqueiros enquanto bebiam, dizendo que os matariam naquela noite, e os culpariam pelo sumiço dos gados, que eles vinham vendendo sem o consentimento do coronel.

Saíram apenas com a roupa no corpo e caminharam madrugada adentro até amanhecer, quando chegaram na beira da BR-174, pediram carona até Boa Vista. Ele voltou ao *Puesto el Índio* para continuar uma busca de sobreviver e se inserir na sociedade local e logo nacional.

Os migrantes aqui não têm preocupação de chegar cedo, tal como ocorre nas outras duas *maticas*, pois, o senhor Nelson estipulou o seguinte, “aqui só chega às 6h para poder sair na ordem de chegada, caso todos tenham saído no dia anterior, do contrário sai aquele que não teve a oportunidade de sair. ” Pois, segundo Nelson todos têm direito a comer e trabalhar, não só alguns.

Caso um cliente venha chamar o profissional de sua preferência e este tenha saído no dia anterior, ele irá, caso o profissional solicitado não atenda as exigências do contratante, ele cede o lugar para aquele que possui a qualificação para atender o

trabalho. Ao comparar aos outros migrantes que fazem parte da *Matica* e da *Sede*, percebemos que *Puesto el Índio* se diferencia no que diz respeito a ordem de saída para o trabalho, aqui há a figura do líder, é claro, afinal foi ele quem fundou e criou as regras, foi ele quem moldou o espaço, todos se remetem a ele com muito carinho e respeito, não vimos nenhum migrante de bermudas ou sandálias durante a nossa estadia nesse espaço.

Todos os migrantes também se juntam em rodas de conversa tal como acontece nos outros espaços, as conversas tratam das experiências também, e da possibilidade de interiorizar a partir das redes que são criadas pelas amizades feitas no espaço, como no caso do senhor Nelson que está no aguardo para ser chamado e embarcar para Curitiba e encontrar seu filho e genro, eles foram graças a um amigo do senhor Nelson, aquele que o ajudou na fundação dos três espaços.

Compreendemos que a troca de informações e experiências entre os integrantes das *Maticas* propiciam um melhor auto agenciamento por parte dos migrantes diante da vulnerabilidade a qual estão sujeitos como vendedores de sua força de trabalho numa sociedade onde apenas, "[...] existe entre (...) uma certa hierarquia social conduzida pelo processo de estigmatização e estereotipização. " (RUFINO, p. 168-169)

As redes sociais são desenvolvidas neste processo, mas são as redes pessoais as que vão possibilitar o uso da Operação Acolhida na busca pela interiorização, e assim, se inserir por meio do trabalho agora na escala nacional.

Truzzi (2008. p.212) denominaria como sendo, "[...] o capital social de solidariedade, que produz sustentação mútua entre os integrantes da rede. ", neste caso, as *maticas* funcionam como redes migratórias na escala nacional e internacional. Ainda sobre a categoria redes e suas formas, Weber Soares (2002) faz uma reflexão das redes que envolvem os movimentos populacionais e os tipifica da seguinte maneira:

> Redes sociais, redes pessoais e redes migratórias. i. rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. Uma rede social, em virtude do processo em torno do qual ela se organiza, pode abrigar várias redes sociais; ii. Rede pessoal representa, então, um tipo de rede social que se funda em relações sociais de amizade, parentesco etc.; iii. Rede migratória não se confunde com redes pessoais; estas redes precedem a migração e são adaptadas a um fim específico: a ação de migrar; iv. Rede migratória, cujas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula,

> é, também, um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras; consiste, portanto, em rede de redes sociais (...) Logo, da rede migratória, fazem parte certas representações sociais que constituem o cerne da cultura migratória (SOARES, 2002. p.12).

Assim, Nelson que aguarda há 2 anos sua interiorização, pôde concretizar seus objetivos graças a seu amigo Pablo, que foi interiorizado para a cidade de Curitiba por meio da Operação Acolhida.

### *A matica*

Este espaço deu origem as outras *maticas*, o objetivo dos seus integrantes, também é buscar a sobrevivência vendendo sua força de trabalho. Assim, ao se inserir na sociedade local e nacional por meio desta rede migratória, muitos têm como objetivos continuar a migração além das terras roraimenses, isto seria possível graças as redes pessoais desenvolvidas em cada espaço, assim ocorreria uma migração e um segundo momento, uma que vai além da sobrevivência no entender deles.

O integrante mais antigo e líder deste espaço é Júlio. Na *matica*, a saída para o trabalho é pela ordem de chegada. Ao chegarem ao espaço os migrantes se acomodam na sombra propiciada pelas duas árvores, logo eles formam aquele círculo elíptico, as conversas são sobre trabalho, moradia, energia e sobre as bicicletas.

As conversas sobre questões mais particulares eram tratadas a dois ou no máximo entres três migrantes, "É um momento em que eu, inclusive, procuro me retirar um pouco de cena (...) para muito mais ver e procurar entender do que perguntar. (BRANDÃO, 2007. p.14).

As questões mais pessoais tratavam da migração para o interior, geralmente aquele que ficava, pedia aquele que estava na fila de espera ou de partida que ao chegar no interior do país o solicitasse, neste sentido compreendemos que as redes pessoais são as que possibilitam a interiorização por meio da Operação Acolhida.

Sobre a liderança neste espaço como nos outros observamos que, "(...) existe um que é aquele que dá as ordens? Ou as ordens já são mais ou menos conhecidas e as pessoas vão chegando e trabalhando? " (BRANDÃO, 2007. p.15). Júlio se manifestava de maneira sublime como o líder desse espaço e os demais integrantes sempre o procuravam para mediar conflitos, da mesma maneira ocorria com Luís na *Sede* e o Índio no Puesto el Índio.

Pelo que observamos ao longo dos dias na *Matica* a ordem de saída e por ordem de chegada, as mesmas regras da *Sede*, porém diferente do *Puesto el Índio*.

## Registrando as trajetórias de Nelson, Luís e Júlio

O convício diário com os interlocutores nos permitiu identificar alguns aspectos relevantes acerca dos processos migratórios e trajetórias pessoais, quando narram suas decisões sobre deixar o seu país de origem, suas expectativas em relação ao pais anfitrião, a chagada e as inserções nas redes de sociabilidade e trabalho.

Ao longo da pesquisa de campo sempre procuramos deixar claro o protagonismo a eles a partir de suas falas. Pois, procuramos dar mais espaços às falas e reflexões dos nossos interlocutores, a fim de conhecer as suas particularidades na tentativa de interpretá-los em primeira mão, tal como Clifford Geertz (1989) diz, o autor salienta que a Antropologia busca significados das ações sociais e não leis gerais, assim a leitura de primeira mão e a do nativo, a segunda e terceira a do pesquisador.

Os nossos interlocutores migraram a raiz da crise econômica que aos poucos foi se agravando ao ponto de deixá-los em uma situação de vulnerabilidade alimentícia, chegando ao ponto de ser insustentável, **"[...]** além de conviver com elevados índices de inflação que diminuíam o poder de compra. A associação entre esses aspectos, em muitos casos, levava à fome e à desnutrição (OLIVEIRA, Antônio, 2017. p.9).

A partir da narrativa dos nossos três interlocutores, observamos que partem de sua memória individual, **"[...]** certo, a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se nas encruzilhadas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. " (Halbwachs, 2003. p.14).

Ainda neste contexto entendemos que a importância da narrativa se dá em razão dela ser atemporal, pois, **"[...]** ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver" (BENJAMIN, 1994. p.7), diferente da informação que **"[...]** ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele" (BENJAMIN,

1994. p.7). A trajetória dos três migrantes vai além-tempo, pois daqui a cem anos ainda será uma realidade para algum povo.

Sobre a chegada ao Brasil, em específico à cidade de Boa Vista, os nossos interlocutores narram as suas experiências dos primeiros dias da seguinte maneira:

Júlio,

> Eu vim da fronteira até o km 100 caminhando... foram 5 dias de viagem... cansado, meu pé encheu de bolhas, com fome, do km100 eu fiz uma diária e foi quando comprei uma passagem e vim para cá. Não conhecia ninguém, mas não foi fácil para mim, chegar aqui ao Brasil, vim sem reais (dinheiro). O primeiro mês foi difícil ajudar minha a família, porque não conseguia trabalho. Quando cheguei, fiquei na praça da rodoviária, a Praça Simon Bolívar, por indicação do taxista que nos trouxe do km100, ele nos disse que aqui ficavam os venezuelanos, (...) lembro que cheguei à praça nesse táxi com mais dois venezuelanos, mas só dois desceram lá. Assim, que chegamos já recebemos comida, refrigerante, muita gente ajudava naquela época, eu passei só três dias na praça, no quarto dia eu consegui falar com uma prima na Venezuela, que entrou em contato com meu primo que estava morando em Boa vista, eu nem sabia que meu primo estava aqui, no terceiro dia ele veio me buscar... Lá na praça eu dormia no chão, assim na terra dura, água vinha da bomba de um posto de gasolina bem em frente, no começo podia tomar banho normal, os trabalhadores do posto não brigavam, mas depois os venezuelanos começaram a brigar por causa das filas que se formavam pros banhos, o dono da bomba não gostava... No quarto dia, eu encontrei meu primo e fui com ele pra sua casa e moramos lá por um ano. Aqui eu já fiz de tudo um pouco, capinei, já fui servente de pedreiro, pintor, trabalhei em borracharia remendando pneu, já trabalhei com material de construção, em madeireira.

Luís,

> Primeiro eu andava na rua, tentando trabalhar e as pessoas só falavam que não havia vagas, que está tudo lotado. Eu dizia que sou novo e que queria trabalhar, ainda não sabia da existência deste ponto *"La Sede"*, graças a Deus com a *Sede* dá para fazer diárias quase todos os dias.
> Lembro que cheguei cinco e meia da tarde no terminal de Santa Elena e aluguei um carrinho para ir até Pacaraima, troquei um dinheirinho que tinha cambiado ficou em 70 reais e aí paguei a Zafira até aqui e me cobraram 50 reais. Até aqui na princesa Isabel, onde meu cunhado trabalhava em uma oficina mecânica. Dormia em rede na oficina. Procurava trabalho até cinco horas por dia pela rua, procurava mais ou menos até duas ou três horas da tarde, eu tinha que esperar que todos os trabalhadores saíssem da oficina para poder entrar, pois tinha vergonha... Bom, depois de um tempo, meu cunhado me indicou para um colega dele, para fazer uma reforma, foi um bom trabalho, ganhava 80 reais de diária. E, aí fui conhecendo pessoas e pessoas e procurando mais trabalho.
> Graças a Deus existem brasileiros bons e brasileiros ruins né, mas os bons são mais, eu ganhava comida nas ruas, foi difícil ser recém-chegado aqui, às vezes eu ganhava dois reais, ganhava um café, graças a Deus meu cunhado trabalha com mecânica e ele comprava comida, porque eu não conseguia fazer dinheiro para poder me alimentar.

> Mas, no início foi difícil, a vida aqui em Boa Vista não é fácil para quem acaba de chegar da Venezuela.

Nelson teve uma experiência ruim nos seus primeiros dias em Boa Vista, por confiar em um familiar que o trouxe, tal como narra a seguir,

> Eu sai dois dias em busca de trabalho, andava pelas ruas, não conseguia nada, não sabia conversar porque não entendia nada da língua daqui do Brasil, depois desses dois dias me disse (o sobrinho) que eu deveria sair da sua casa. E, eu já não tinha dinheiro, não tinha trabalho, nem um teto onde morar, agora que meu sobrinho me mandou sair de sua casa. Assim, fiquei andando pelas ruas, até que um amigo me encontrou e me falou para fazermos um ponto (espaço onde ficariam ofertando a sua força-de-trabalho) eu lhe perguntei o que seria e como funcionaria? Ele me disse, vamos ficar nesta esquina a espera de trabalho (*matica)*. O ponto que fizemos há 4 anos mais ou menos, e aí viemos para o ponto com nossas ferramentas (enxada, es outras coisas), eu já sabia fazer obras, mas não sabia como trabalhava um pedreiro aqui no Brasil, mas vim para cá com minhas ferramentas, no primeiro dia não consegui nada, no segundo dia como não tinha mais dinheiro dormia na *matica*, tomava banho nas obras de construção por perto, comprava pão e mortadela para matar a fome; pão e mortadela foram meu café, almoço e janta.
> Um dia quando não tinha nada para comer e nem tinha conseguido serviço, dois dias sem comer, tive que comer pão que achei no lixo, pão cheio de moscas e azedo e muito verde, mas o que eu podia fazer se o meu estômago pedia comida. Passei cinco dias doente do estômago, eu não tinha a quem recorrer, nem família aqui eu tinha, pois, meu sobrinho que me convenceu a vir para cá e virou as costas para mim. Fiquei no posto da *Matica* deitado, sozinho, aí apareceu um rapaz e conversei com ele, lhe contei o que sucedeu e ele voltou com sua esposa e seu filho, me deram uma bolsa com muitos produtos de higiene e de coisas para casa (lençol, toalhas, etc.). Bom eu nunca tinha recebido tanta atenção, comecei a chorar, porque nunca tinha passado por isso, eu tinha casa boa, um bom carro, caminhão, emprego e agora nesta situação
> Encontramos gente boa, gente ruim, eu encontrei aquele casal que me ajudou, têm muitos que nos contratam e não pagam, (...) existe muita gente boa aqui, que nos ajudam, nos estendem as mãos, mas também existe muita gente que odeia venezuelanos e eu digo a eles que isso é triste, pois por causa de uns poucos não podemos sofrer todos, (...) a vida que nós temos aqui não é fácil sobreviver aqui ficou difícil.

Assim, como observamos na narrativa dos nossos interlocutores, **"[...]** O narrador retira da experiência o que ele conta" (BENJAMIN, 1994. p.5). Ainda neste contexto, poder afirmar que, **"[...]** os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. " (BENJAMIN, 1994. p.7)

Tentamos organizarmos as falas dos nossos interlocutores buscando dar uma temporalidade para cada ação, sendo assim nesta parte identificamos as redes de

migração. Que Segundo Truzzi (apud MAC DONALD, 2008, p. 202), seria **"[...]** o movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocarem e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores".

Os migrantes estabelecidos vão formar redes sociais que representam, então, um suporte importante, uma vez que garantem o acomodamento/inserção do migrante, sendo constituídas tanto pelas pessoas e as relações que desenvolvem entre si como pelas organizações e instituições sociais Dimitri (*apud* SOARES, 2002. p. 413).

Ao longo deste estudo e por meio da narrativa dos nossos interlocutores, identificamos outro momento migratório que não obedece a ordem de migração por sobrevivência, após eles alcançarem estabilidade na cidade receptora e por meio de suas redes vão procurar se fixar e outros vão procurar realizar uma migração 'de carreira'; das categorias esta é a que ficou mais próxima do tipo de migração que pretendem praticar, sendo assim, vamos chamá-lo de migração do recomeço.

Ainda neste sentido, Alistair Thomson (2002, p. 346) diz que:

> Nas narrativas dos migrantes, as redes de sociabilidade são mostradas como um aspecto crucial da experiência da migração, (...) O "caminho migratório" podia ser iniciado por alguns indivíduos de uma determinada região, que então o promoveria entre velhos amigos, vizinhos e familiares (...). Elas não apenas proporcionavam um círculo social de apoio, mas era através destas mesmas redes que os migrantes iriam conseguir um emprego melhor, um lugar melhor para viver.

Migração por rede em dois tempos, uma por sobrevivência até Boa Vista e a outra pela busca da concretização dos planos para ter uma vida melhor em todos os sentidos (político, econômico e social). Vão com proposta de emprego, as suas redes são feitas nos espaços, nesses espaços os indivíduos além de buscarem atingir seus objetivos, são norteados para uma nova perspectiva a partir das amizades aí feitas, são orientados não só nos seus comportamentos, como também passam a se relacionar, além desse espaço no seu cotidiano.

Em cada espaço, os nossos interlocutores possuem suas regras que possibilitam uma coesão necessária para atingirem o objetivo que têm em comum, que seria sobreviver e ajudar os seus familiares e de se inserir na sociedade receptora.

A aceitação de um novo membro vai ser facilitada se ele fizer parte da rede pessoal de algum integrante das *Maticas;* as saídas são condicionadas pela ordem de chegada, em outra muda, pois o migrante que não tenha saído no dia anterior independente da ordem de sua chegada tem a prioridade de saída. Assim, funciona parte da dinâmica dos migrantes nestes espaços.

Para tal propósito tentamos delimitar a migração tal como falamos no início deste estudo, em específico a migração venezuelana ao Brasil, restringindo a Boa Vista, não pretendemos buscar leis que universalizem o real significado da migração nem mesmo entre os venezuelanos o que buscamos em todo momento foi compreender este movimento a partir daqueles que o vivenciam no seu dia a dia, nos espaços onde se auto agenciam e da narrativa do integrante mais antigo de cada espaço.

## Considerações finais

As literaturas sobre migração e migração venezuelana, a etnografia realizada nos espaços junto as narrativas dos migrantes, possibilitaram a compreensão da organização e dinâmica dos três espaços de sociabilidade de venezuelanos.

A maioria dos integrantes desses espaços moram distante do bairro Cidade Satélite. Cada espaço tem seu líder não reconhecido como tal pelos integrantes nem pelos próprios, no entanto, são os mais velhos de cada espaço que são a referência de todos os outros, diante de dúvidas e conflitos eles são consultados. Em cada espaço, os nossos interlocutores possuem suas regras, que possibilitam uma coesão necessária para atingirem o objetivo que têm comum que seria sobreviver e ajudar os seus familiares. A aceitação de um novo membro vai ser facilitada se ele fizer parte da rede pessoal de algum integrante das *Maticas*.

Esses espaços, fazem parte da rede migratória internacional e nacional dos migrantes venezuelanos rumo ao Brasil e Brasil a dentro, na busca pela inserção na sociedade brasileira como um todo por meio do trabalho, para isso, desenvolvem as redes sociais e pessoais que vão permitir continuar a migrar em busca do reconhecimento de suas profissões, seria uma migração “de carreira, em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce”.

(TRUZZI, 2008.p. 200). Mas, isto só vai ser possível, porque os migrantes estão com a família em Boa Vista, e já possuem meios financeiros para não depender mais do sistema de diárias e sim, pagamentos mensais.

As rodas de conversas fazem parte do expediente das *matica*s, aqui criadas as redes pessoais, e são nesses momentos que acontecem as trocas de experiências e informações possibilitando, assim, um "capital social" ou a "solidariedade interna". A partir do qual os migrantes vão se autoagenciar. Buscando melhorar a relação entres os integrantes e para com os clientes, ao mesmo tempo em que buscam dar continuidade a sua migração por meio da interiorização da Operação Acolhida.

Eduardo Marandola & P. Del Gallo (2009, p.40) se fazem a seguinte pergunta: "O que é ser migrante?" Este questionamento expressa a preocupação em pensar o fenômeno migração na forma como este é vivido. Em termos fenomenológicos, a atenção recai sobre a forma como o fenômeno aparece na experiência. Ainda neste contexto ele vai dizer que, "[**...**] o migrante é um ser deslocado, movido de seu lugar primevo. E é neste deslocamento que procuramos o significado do que é esta condição (MARANDOLA; DEL GALLO, 2009. p.1)

Assim, procuramos saber o que significava ou que era migração para os três migrantes que ouvimos:

Júlio,

> A experiência de imigração para mim não foi fácil... ter que deixar meu ofício, minha esposa, meu pai, minha mãe, os 10 irmãos, (...) fico pensando que meus filhos estão crescendo, eu os amo muito (...). Às vezes eu penso, mas não pretendo ir mais para dentro do Brasil, mesmo tendo a minha família aqui, porque penso na minha família que ainda vão ficar lá, por aqui consigo trabalho para comprar comida para eles, aqui eu não passo fome, estando aqui fica mais fácil. Estou aguardando abrir a fronteira para mandar buscar minha esposa e os meus dois filhos.

Luís,

> A migração não é boa não, não é boa para qualquer ser humano, eu tinha uma casa com um quarto para cada uma de minhas crianças e aqui eu tive que dormir praticamente na rua, não é fácil vir de um país para outro, deixar toda sua comunidade, sua vida. Quando saí da Venezuela há mais de três anos, eu vim chorando, mas vim procurar uma vida, e começar tudo de novo não é fácil, aqui em Boa Vista

O Nelson diz, "A vida do migrante não é boa, mas eu voltaria a fazer isso pela minha família"

Os debates sobre migração e suas novas categorias e entre outros temas que possam ser discutidos são inúmeros, mas compreender e ouvir daqueles que vivenciam a migração acredito que tenha uma conotação diferente. “Em prol da clareza vou me concentrar aqui nos estudos que exploram as migrações que ocorreram na memória viva, e em que as experiências da migração e das comunidades étnicas são parte igualmente importantes da história. ” (THOMSON, 2000.p. 342). Sobre o significado de migração, a partir da etnografia e das narrativas dos nossos interlocutores e da trajetória dos três líderes, entendemos que migrar é um sentimento carregada de saudade e sofrimento.

## Referências

ÂNGELO L., Germano. ***Matica*: migrantes venezuelanos e trabalho temporário em Boa Vista-RR, 2021. Dissertação de mestrado.**

ALMEIDA, Mariana; NEPOMUCENO, Raísa; MIRANDA, Carla. **Migração por sobrevivência**: soluções brasileiras. REMHU, Brasília, 2015.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e**

**técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense,

1994, p. 197-221.

BRANDÃO, R Carlos. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Sociedade E Cultura. Disponível em > https://doi.org/10.5216/sec.v10i1.1719, 2007 https://revistas.ufg.br/fcs//article/view/1719

CORRÊA, DE S. Aline. **Projeto Assistencial**: a construção de uma ouvidoria e saúde escolar. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. Tese de doutorado.

DA SILVA, S. Antônio**. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil** Revista brasileira de estudos populacionais, Belo Horizonte, V. 34, n1, p. 73-98, jan. /abr. 2017

SILVA, Sidney A. Migrações venezuelanas. IN: **Políticas de abrigamento a imigrantes venezuelanos em Boa Vista e Manaus: algumas indagações**. Disponível em> https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig_venezuelanas/migracoes_venezuelanas.pdf> Acesso em 12 out 2020

DURHAM, Eunice Ribeiro. Migrantes Rurais. In: _____. *A dinâmica da cultura*: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosacnaify, 2004. Cap. 4, p. 181-201.

FGV-DAPP, OBMIGRA E UFRR 2020. **A economia de Roraima e o fluxo venezuelano**: evidências e subsídios para políticas públicas / Fundação Getúlio

Vargas, Diretoria de Análise de Políticas Públicas. - Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020. Disponível em> https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/02/FGV-DAPP-2020-A-economia-de-Roraima-e-o-fluxo-venezuelano_compressed.pdf> Acesso em 25 de setembro de 2021

GEERTZ, Clifford**. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GONÇALVES, RITA; LISBOA, Teresa. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida.** Ver. Revista katal Florianópolis v10. N. esp. p. 83-92. 2007. Disponível em> https://www.scielo.br/j/rk/a/VzGmzYXDPdxPgthrfPL4tVP/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 de jul. 2021

GOV.BR. **Acolhida, 2020**. Disponível em> https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/operacao-acolhida> Acesso e 03 maio de 2020.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. "A luta pelo território como chave analítica para a reorganização da cultura" in **A reconquista do território. Etnografias do protagonismo indígena contemporâneo**. Rio de Janeiro. E Papers, 2022. (Págs. 11-36).

JÚNIOR, Carlos. **Os reflexos da migração venezuelana desordenada para o Brasil**.2018. 72 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado Maior do Exército Escola Marechal Castello Branco, Rio de Janeiro, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 5. ed. Editora Centauro. São Paulo, 2003.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312.p

OLIVEIRA, Antônio. **A migração no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos**. 2019.

OLIVEIRA, Márcia M.; SARMENTO, Gilmara; VALERIO, Joel. **Perfil migratório venezuelano e demandas por políticas públicas em Boa Vista**. IN_Coletânea interfaces da mobilidade humana na fronteira Amazônica / Márcia Maria de Oliveira; Maria das Graças Santos Dias, Organizadoras. –Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

PELLEGRINI, Marcos. **As equipes de saúde diante das comunidades indígenas**: reflexões sobre o papel do antropólogo nos serviços de atenção à saúde indígena. In LANGDON, E. J.e GARNELO, L. (orgs.) Saúde dos Povos Indígenas: reflexões sobre antropologia participativa. Rio de Janeiro: ABA/Contracapa, 2004. P. 233-243.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTOS, Alessandra Rufino. **Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e**

**venezuelanos**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, p. 224. 2018.

SAYAD, Abdelmalek. A ordem da imigração na ordem das nações. In: _____. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998. p. 265-286.

SOARES, WEBER**. Para Além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional**. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

SOARES, WEBER**. Para Além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional**. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras:** história Oral e estudos de migração**.** 2002. Disponível em>https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200005&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 05 de nov de 2020.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, n. 1, v. 20, p. 199-218, jun. 2008.

***Recebido em Dezembro de 2023***
***Aprovado em Julho de 2024***